



# ÁLTERA

Revista de antropologia

N. 14, 2022

Dossiê:  
**ETNOGRAFIAS DE UMA SINDEMIA:  
A COVID-19 E SUAS INTERAÇÕES**

Fotografia: Weverson Bezerra



## SUMÁRIO

- APRESENTAÇÃO: Dossiê etnografias de uma sindemia. A Covid-19 e suas interações**  
Mônica Franch, Sônia Weidner Maluf, Mariana Simões, Soraya Fleischer ..... e01402
- INTERAÇÕES SINÉRGICAS ENTRE O HIV/AIDS E A COVID-19: a descentralização do cuidado em HIV/Aids na atenção básica em Rio Tinto (Paraíba)**  
Luziana Marques da Fonseca Silva, Francisco Paulino de Oliveira Neto e Gabriel Cavalcante Bueno de Moraes ..... e01403
- EL “HOSPITAL COVID-19”: una mirada etnográfica de las rutinas médicas del VIH en un servicio hospitalario público de la ciudad de Buenos Aires durante la emergencia sanitaria del Covid-19 en 2020**  
Tomas Kierszenowicz ..... e01404
- MEDO DA MORTE E SOLIDÃO: os cuidados paliativos para pacientes com câncer em tempos de Covid-19 na ótica dos profissionais de saúde**  
Weverson Bezerra Silva ..... e01405
- RENDA BÁSICA DO ZIKA À COVID-19: amparando as trabalhadoras do cuidado em emergências humanitárias**  
Juliana Santana, Raquel Lustosa, Luciana Brito, Ilana Ambrogi, Martha Ysis e Aissa Simas ..... e01406
- NUTRICÍDIO DA POPULAÇÃO NEGRA EM TEMPOS DE COVID-19: Analisando os impactos do encontro de crises no Nordeste rural brasileiro**  
Nádja Silva e Thayonara Santos ..... e01407
- PANDEMIA, SINDEMIA E ENVELHECIMENTO: o que temos a dizer sobre isso?**  
Artur Pereira Quinteiro Costa e Marcia Reis Longhi ..... e01408
- ASPECTOS SINDÊMICOS ENTRE SAÚDE MENTAL E COVID-19 NO CONTEXTO DA RESISTÊNCIA TUPINAMBÁ DE OLIVENÇA (BAHIA)**  
Amanda Silva Rodrigues e Sônia Weidner Maluf ..... e01409
- “É UMA DOR SEM LIMITES”: o adoecimento, a morte e o luto na pandemia de Covid-19**  
Érica Quinaglia Silva e Karla Roberta Mendonça de Melo ..... e01410
- ADOECIMENTO MENTAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS NO BRASIL: antes e durante a pandemia de Covid-19**  
Rafael de Mesquita Ferreira Freitas ..... e01411

**DOSSIÊ ETNOGRAFIAS DE UMA SINDEMIA:  
A COVID-19 E SUAS INTERAÇÕES**

***Ethnographies about a syndemics: Covid-19 and interactions***

***Etnografías de una sindemia: Covid-19 y sus interacciones***

**Mónica Franch**

Professora de Antropologia, Universidade Federal da Paraíba

E-mail: [monicafranchg@gmail.com](mailto:monicafranchg@gmail.com)

**Sônia Weidner Maluf**

Professora de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: [soniawmaluf@gmail.com](mailto:soniawmaluf@gmail.com)

**Mariana Simões**

Fundação Dom Cabral

E-mail: [marianalvesimoes@gmail.com](mailto:marianalvesimoes@gmail.com)

**Soraya Fleischer**

Professora de Antropologia, Universidade de Brasília

E-mail: [soraya@unb.br](mailto:soraya@unb.br)

**Áltera**, João Pessoa, Número 14, 2022, e01402, p. 1 -10

ISSN 2447-9837



## A IDEIA DE “SINDEMIA”

O dossiê “Etnografias de uma sindemia: a Covid-19 e suas interações” reúne artigos resultantes de pesquisas antropológicas realizadas em tempos pandêmicos com foco nas dimensões sindêmicas da Covid-19. O termo sindemia remonta à década de 1990. Neologismo resultado da união das palavras “sinergia” e “epidemia”, o conceito foi cunhado e utilizado pelo antropólogo médico Merrill Singer, inicialmente para refletir sobre o contexto de crise sanitária que a Aids representava entre a população urbana pobre dos Estados Unidos (SINGER, 1994); e também sobre o abuso de substâncias entre porto-riquenhos morando no país (SINGER, 1995). Conforme o próprio autor, numa acepção potencialmente muito mais ampla e abrangente: Propus o termo ‘sindêmico’ para me referir ao complexo inter-relacionado de crises

de saúde e crises sociais enfrentadas pelos pobres urbanos. Assim como os termos epidemia e pandemia (propagação de problemas de saúde de distribuição local ou extra-local), o sufixo de sindemia é derivado da palavra grega ‘demos’ (o povo), enquanto o prefixo é retirado do termo grego para ‘trabalhar em conjunto’. Em outras palavras, uma sindemia é um conjunto de problemas de saúde estreitamente interligados e mútuos que afetam significativamente o estado geral de saúde de uma população no contexto de uma configuração perpetuante de condições sociais nocivas (SINGER, 1996, p. 99, tradução nossa<sup>1</sup>).

Desse modo, o conceito de sindemia se refere ao inter-relacionamento de duas ou mais doenças, crises de saúde e também crises sociais, e tem o intuito de rotular e evidenciar a carga excessiva que resulta dessa interação. Merrill Singer e Scott Clair (2003, p. 429) reforçam que, para além do enfoque de interação no nível biológico entre doenças, a sindemia também diz respeito e está diretamente relacionada ao social, uma vez que as doenças e suas interações se desenvolvem e são sustentadas em uma população também em decorrência de vulnerabilidades e condições sociais prejudiciais.

Desde o surgimento do conceito, diversos trabalhos em diferentes áreas – não apenas dentro do campo da antropologia médica estadunidense – se dedicaram a pensar sobre o tema. Emily Mendenhall (2016), por exemplo, discute as interações sinérgicas que caracterizam uma sindemia em sua pesquisa sobre comorbidade, depressão e diabetes em populações da África do Sul, dos Estados Unidos e da Índia. Já Thomas Novotny e seus colegas (2017) definem o HIV/Aids, a tuberculose e o ta-

1 “I proposed the term ‘syndemic’ to refer to the interrelated complex of health and social crises facing the urban poor. Like the terms epidemic and pandemic (spreading health problems of local or extralocal distribution), the suffix of syndemic is derived from the Greek word demos (the people), while the prefix is taken from the Greek term for ‘working together.’ In other words, a syndemic is a set of closely intertwined and mutual enhancing health problems that significantly affect the overall health status of a population within the context of a perpetuating configuration of noxious social conditions.”



bagismo como três epidemias que agem de maneira independente, mas que, juntas, conformam uma sindemia.

Em 2020, em decorrência da declaração de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) causada pela Covid-19, o conceito de sindemia foi trazido para o contexto da nova pandemia. Em um comentário na revista *The Lancet*, Richard Horton (2020) defendeu que a Covid-19 não se tratava de uma pandemia, mas sim de uma sindemia, sublinhando a importância de ver a nova doença sob essa ótica, como forma de frisar suas origens e consequências sociais. Em consonância com Horton, no ano seguinte, e já pensando no contexto brasileiro, José Patrício Bispo Júnior e Djanilson Barbosa dos Santos (2021) publicaram um ensaio que parte dessa mesma concepção, retomando e revisando o conceito de sindemia e propondo fundamentos para uma abordagem mais abrangente em saúde, frisando que “problemas complexos demandam soluções abrangentes, estruturais e de longo prazo” (BISPO JÚNIOR; SANTOS, 2021, p. 11). No ensaio deles, a Covid-19 é analisada como o resultado da interação entre várias doenças e o contexto socioeconômico.

A abordagem sindêmica se propõe a ser inovadora não apenas por compreender a dimensão inter-relacionada de diferentes patologias e condições de saúde, mas por mostrar a relação estreita dessas interações com o contexto social, econômico e ambiental dos diferentes grupos afetados, e por sugerir ainda que essas circunstâncias se potencializam mutuamente.

Há um desdobramento evidente dessas compreensões em termos de políticas de enfrentamento, de produção de conhecimento e de práticas de saúde e cuidado, mas nossa intenção neste dossiê foi pensar essas interações a partir da antropologia, de modo mais geral, e a partir dos diversos contextos de pesquisa e atuação das pesquisadoras e pesquisadores da rede Antropo-Covid, de modo mais localizado. Esta rede foi formada ainda em 2020, a partir do projeto de pesquisa “Estado, populações e políticas locais no enfrentamento à pandemia de Covid-19: análise social e diretrizes de ação e intervenção não farmacológica em populações em situação de vulnerabilidade e precariedade social”. A iniciativa foi desenhada como uma resposta direta, criativa e científica da área da antropologia face à pandemia. A rede é coordenada por três de nós, Sônia Weidner Maluf, Mônica Franch e Soraya Fleischer; é composta por seis diferentes universidades, UFPB, UFSC, UFAM, UFPA, UnB e Unicentro, de quatro regiões brasileiras, Nordeste, Norte, Centro-Oeste e Sul; e conta com a participação de doze professoras e dezenas de seus estudantes, orientandos e bolsistas de graduação e pós-graduação. A rede apoiou a realização de muitas pesquisas de campo, de documentos e de arquivos e vem, desde então, escrevendo textos, organizando eventos e publicando seus resultados. Este dossiê, ao reunir nove artigos de vinte pesquisadores, é um produto direto da rede Antropo-Covid.



## O DOSSIÊ

Em novembro de 2021, lançamos uma chamada interna aos pesquisadores que compõem a rede do Projeto Antropo-Covid. A chamada ficou aberta por um par de meses, e quinze resumos foram selecionados, sobretudo pela sua adesão à proposta do dossiê, de abordar a pandemia de Covid-19 a partir de uma abordagem sindêmica. Até março de 2022, chegaram nove artigos completos; nós lemos e comentamos cada um deles. Os autores tiveram mais um mês para realizar essa primeira revisão. Em seguida, os artigos foram lidos e avaliados por pareceristas *ad hoc* e todos foram aprovados. À luz das ótimas sugestões e correções, uma segunda revisão foi feita pelos autores. Lemos, realizamos os últimos ajustes, e os artigos foram finalizados em agosto de 2022.

Desde o início, quando desenhamos a chamada para este dossiê, quisemos envolver um periódico que fosse ligado a uma das universidades que compõem a rede Antropo-Covid. Quando consultada, a revista *Áltera* (UFPB) prontamente se interessou pelo tema e acolheu a nossa proposta. Em setembro, o conjunto de nove artigos foi enviado para revisão de língua portuguesa e diagramação. E agora o dossiê vai ao ar.

Ressaltamos a diversidade de temáticas e de procedências institucionais e regionais dos autores e autoras. Agrupamos os nove artigos em três grandes temas, todos em relação direta com a pandemia de Covid-19: serviços de saúde; vulnerabilidades e políticas públicas; e saúde mental. No primeiro tema, Luziana Marques da Fonseca Silva, socióloga, Francisco Paulino de Oliveira Neto e Gabriel Cavalcante Bueno de Moraes, graduandos em Antropologia, todos da UFPB do *campus* Rio Tinto/PB, discutem como as dificuldades existentes para a descentralização do cuidado em HIV/Aids em municípios de médio e pequeno porte (que incluem tensões entre lógicas territoriais, simbólicas e programáticas) se viram potencializadas a partir da reorganização dos serviços para o enfrentamento à Covid-19. O artigo tem por base entrevistas com gestoras da saúde do município de Rio Tinto, realizadas remotamente em função das medidas socio-sanitárias de distanciamento social. No segundo artigo deste dossiê, Tomas Kierszenowicz, mestrando em Antropologia Social na UnB, também trata do encontro entre estes dois vírus, HIV e o novo coronavírus, mas no cenário de um hospital em Buenos Aires. A partir do acompanhamento das reuniões remotas da equipe de saúde, o autor mostra como foram se redesenhando as rotinas no espaço hospitalar e traz casos que revelam as tensões e estratégias dos profissionais diante de diagnósticos incertos. Já Weverson Bezerra Silva, doutorando em Antropologia pela UFPB, detalha os serviços de saúde pela ótica dos profissionais da saúde responsáveis pelos cuidados paliativos de pacientes oncológicos num hospital



do câncer da Paraíba. A observação do cotidiano hospitalar *antes e durante* a pandemia (pós-vacinação) é um dos elementos de interesse desse artigo, que também discute o impacto emocional da pandemia para as equipes, com destaque para os sentimentos de medo e solidão. Aqui, em termos metodológicos, temos três exemplos do que chamamos, na área da antropologia da saúde, de “etnografias em serviços de saúde” (FLEISCHER; FERREIRA, 2014), com a entrada, a circulação e o convívio dos pesquisadores em instituições como unidades básicas de saúde, ambulatórios, alas de internação, consultórios, salas de espera etc. Em tempos de pandemia, essas etnografias também precisaram se adaptar aos “novos protocolos” (menos tempo em campo, uso de EPI, circulação mais restrita), além de incluírem “o modo remoto” para as interações com os interlocutores (entrevistas em plataformas digitais, acompanhamento de grupos de WhatsApp, entre outras mediações). Além disso, os autores desse primeiro bloco de artigos revelam como outras doenças crônicas ou cronicadas perderam prioridade, espaço e atenção específica quando os serviços se tornam “referência” para o atendimento de pacientes com Covid-19.

No segundo tema, que aborda a Covid-19, vulnerabilidades e políticas públicas, Juliana Santana, Raquel Lustosa, Luciana Brito, Ilana Ambrogi, Martha Ysis e Aissa Simas, antropólogas, sanitaristas e bioeticistas que atuam na organização não governamental Anis (Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero) em Brasília, notaram o encontro sindêmico entre o novo coronavírus e o vírus da zika no estado de Pernambuco. Sobretudo, constataram como as mães, principais cuidadoras das crianças com a Síndrome Congênita do Vírus Zika (SCVZ), têm lidado com a queda de renda, e a diminuição do acesso aos direitos básicos e às políticas públicas para suas crianças com deficiência. Em especial, acompanhamos os desafios que essas mulheres, jovens, negras e periféricas, tiveram que enfrentar para efetivar a política pública do “auxílio emergencial” durante a fase crítica do isolamento social. Nádja Silva e Thayonara Santos, respectivamente mestrandas em Antropologia e Sociologia na UFPB, também pesquisaram os impactos da pandemia sobre a renda e a segurança alimentar de populações negras e rurais. Ambas destacaram como, durante a pandemia, a extinção de políticas historicamente construídas e consolidadas, a exemplo do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), contribuiu diretamente para o incremento do nutricídio no país. Já Artur Pereira Quinteiro Costa, mestrando em Antropologia, e Marcia Reis Longhi, antropóloga, ambos da UFPB, voltaram seu interesse para as articulações entre velhice, vulnerabilidade e pandemia. Para isso, investigaram uma instituição de longa permanência para idosos no sertão de Pernambuco, analisando as consequências da pandemia para esses idosos e descrevendo em mais detalhes a história de um morador, que acabou falecendo de Covid-19. Deficiência, nutrição, raça, local de moradia e geração são todos aspectos



intensamente atravessados pela pandemia, e que também revelam o caráter sindêmico da situação que atravessamos desde março de 2020, agudizando as vulnerabilidades dos grupos com os quais a antropologia frequentemente trabalha. Esses três artigos demonstram, ademais, como as políticas públicas brasileiras pouco se sensibilizaram com as realidades de iniquidade enfrentadas por essas e outras populações vulneráveis.

Por fim, no terceiro e último tema deste dossiê, três realidades diferentes comprovam o impacto da pandemia no bem-estar, nas emoções e nas condições psicossociais das pessoas. Amanda Silva Rodrigues e Sônia Weidner Maluf, ambas antropólogas, uma da Universidade Estadual de Santa Cruz/BA e outra da Universidade Federal de Santa Catarina, mostram como a Covid-19 intensifica as questões de sofrimento e saúde mental que já acompanhavam os Tupinambá em sua luta por reconhecimento cultural e territorial no município de Olivença/BA. As autoras defendem que a abordagem sindêmica, no caso em tela, revela a dimensão coletiva das experiências de doença e sofrimento, que atingem a comunidade como um todo. Evidenciam, também, como os Tupinambá se mobilizaram para levar suas reivindicações ao Estado e para garantir sua autoproteção durante a pandemia, praticando o isolamento social comunitário em seus territórios. No cenário do Distrito Federal, a antropóloga Érica Quinaglia Silva e a enfermeira e mestrandia em Ciências e Tecnologias da Saúde Karla Roberta Mendonça de Melo, ambas da Faculdade de Ceilândia da UnB, também notaram como processos difíceis de envelhecimento foram exacerbados pela pandemia. No único artigo com foco quanti-qualitativo, essas duas autoras identificaram idosos e idosas da capital federal com possível depressão e ansiedade, para entender como lidaram com a pandemia em suas vidas. O adoecimento, a dor, o luto, o silenciamento e a solidão compõem a experiência desses interlocutores e agravam seu sofrimento mental. Por fim, Rafael de Mesquita Ferreira Freitas, doutorando em antropologia social na UnB, retoma uma pesquisa realizada em Fortaleza/CE, para comparar a saúde mental de estudantes universitários antes e depois da chegada da Covid-19. Solidão, ansiedade, depressão, tentativas de suicídio, medo da morte, óbito, luto, viuvez, orfandade, silenciamento da dor são realidades que vinham sendo enfrentadas por todos esses interlocutores, mas que só se intensificaram, nessas localidades da Bahia, Ceará e Brasília.

Todos os trabalhos publicados nesta coletânea partem de uma abordagem social dos fenômenos de adoecimento, sofrimento, saúde e cura. A abordagem da saúde nas ciências sociais pressupõe sua articulação com diferentes dimensões da vida social, coletiva e individual. Nenhuma crise de saúde acontece sem essas conexões. O conceito de sindemia nos permite especificar melhor o modo como essas



conexões acontecem, e como os diferentes vetores (de saúde, doença e de outros problemas vividos pela população) se somam a uma ou mais doenças ou crises sanitárias. No caso da maior parte das situações analisadas, a sindemia se relaciona ainda a contextos de violência estrutural, como desigualdade, racismo e outras formas de discriminação. Para Singer e Rylko-Bauer (2021), essa é uma dimensão central para entender os impactos da Covid-19 e sua natureza sindêmica.

Aproveitamos para agradecer a todos os autores, coautores, seus interlocutores de pesquisa, seus orientadores e grupos de pesquisadores. Também somos gratas ao corpo de pareceristas, à revisora, à diagramadora e à querida comissão editorial da *Áltera*, tanto em sua composição anterior (que acolheu a nossa proposta) quanto na atual (que viabilizou sua publicação). Em especial, agradecemos a Mariana Simões, que secretariou todo o trabalho de composição deste dossiê, do seu início em 2021 até o momento em 2022, e que também assina essa apresentação conosco. E sem nossos financiadores, nossas universidades e a parceria entre tantas colegas e pesquisadoras da rede Antropo-Covid nestes anos pandêmicos – e sindêmicos! –, este dossiê teria sido impossível.

Boa leitura!



## REFERÊNCIAS

BISPO JÚNIOR, José Patrício; SANTOS, Djanilson Barbosa dos. Covid-19 como síndrome: modelo teórico e fundamentos para a abordagem abrangente em saúde. **Cadernos de Saúde Pública** [online], Rio de Janeiro, v. 37, n. 10, p. 1-14, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00119021>>. Acesso em: 21 out. 2022.

FLEISCHER; Soraya; FERREIRA, Jaqueline (org.). **Etnografias em serviços de saúde**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

HORTON, Richard. Offline: Covid-19 is not a pandemic. **The Lancet** [online, s. l.], v. 396, n. 10255, p. 874, 26 set. 2020. Disponível em: <[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)32000-6/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)32000-6/fulltext)>. Acesso em: 21 out. 2022.

MENDENHALL, Emily. Beyond comorbidity: a critical perspective of syndemic depression and diabetes in cross-cultural contexts. **Medical Anthropology Quarterly** [online, s. l.], v. 30, n. 4, p. 462-478, dez. 2016. Disponível em: <<https://europaepmc.org/article/MED/25865829#free-full-text>>. Acesso em: 21 out. 2022.

NOVOTNY, Thomas et al. HIV/Aids, tuberculose e tabagismo no Brasil: uma síndrome que exige intervenções integradas. **Cadernos de Saúde Pública** [online], Rio de Janeiro, v. 33, n. supl. 3, e00124215, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00124215>>. Acessado em: 12 ago. 2022.

SINGER, Merrill. A dose of drugs, a touch of violence, a case of Aids: conceptualizing the SAVA syndemic. **Free Inquiry in Creative Sociology**, Stillwater, v. 24, n. 2, p. 99-110, nov. 1996.

SINGER, Merrill. Providing substance abuse treatment to Puerto Rican clients living in the U.S. In: **Providing substance abuse treatment in the era of Aids**. Washington, DC: CSAT, 1995.

SINGER, Merrill. Aids and the health crisis of the U.S. urban poor; the perspective of critical medical anthropology. **Social Science & Medicine** [s. l.], v. 39, n. 7, p. 931-48, out. 1994.

SINGER, Merrill; CLAIR, Scott. Syndemics and public health: reconceptualizing disease in bio-social context. **Medical Anthropology Quarter** [online, s. l.], v. 17, n. 4, p. 423-41, 2003. Disponível em: <<https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1525/maq.2003.17.4.423>>. Acesso em: 21 out. 2022.

SINGER, Merrill; RYLKO-BAUER, Barbara. The syndemics and structural violence of the Covid pandemic: anthropological insights on a crisis. **Open Anthropological Research**, Varsóvia, v. 1, n. 1, p. 7-32, 2021.

